

A PESCA DESPORTIVA

Ao longo de anos, a pesca desportiva tem sido uma actividade de relaxamento, anti-stress, utilizada pelos portugueses, de todas as idades e camadas sociais, que lhes permite passar um bom bocado, longe do reboliço da cidade, do trânsito e até longe das pessoas com quem se convive diariamente.

A pesca desportiva é daquelas actividades realmente calmantes, com um efeito quase milagroso sobre a pessoa, mesmo as mais neuróticas ou ansiosas, substituindo-se às terapêuticas à base de químicos.

Na pesca desportiva, o apanhar peixe não é o único factor importante e, em muitos casos, nem sequer o mais importante. As pessoas vão à pesca para passar uma manhã calma, uma tarde tranquila ou um dia sossegado, recarregando baterias para a semana seguinte.

Eu fui pescador desportivo (pesca apeada) durante muitos anos. Pescava principalmente durante os períodos de férias e também um ou outro fim-de-semana. Hoje, já raramente pesco.

Há uns anos atrás, ainda se pescava alguns peixes interessantes, de tamanhos variados e qualidade diversificada. Progressivamente, o peixe foi desaparecendo das nossas costas, devido a razões diversas, nomeadamente: aperfeiçoamento das técnicas de pesca; uso de técnicas de pesca que não respeitam a criação, destruindo-as; uso de técnicas de pesca que destrói a flora marítima (alimento dos peixes); uso de artes de pesca ilegais; falta de períodos de 'defeso' das espécies piscícolas (no período da desova); etc..

Tarde demais, o governo tomou algumas medidas com vista à protecção dos recursos piscícolas. Para além da limitação do pescado individual, uma das medidas tomadas foi a obrigatoriedade do uso de licenças de pesca por parte de todos aqueles que se dedicam a uma qualquer das formas de pesca desportiva: apeada, submarina, em barco.

Se é verdade, e está provado que sim, que a pesca desportiva em barco bem como a pesca submarina fazem muitas capturas, havendo até quem faça disso uma actividade profissional não declarada, já relativamente à pesca apeada isso não se verifica, na generalidade dos casos. O pescador apeado pretende apenas passar um bom bocado, descansar e/ou recarregar baterias para um melhor desempenho da sua actividade profissional. A maior parte das vezes não apanha nada.

O reformado tinha aqui uma das suas actividades preferidas (e saudável) que, em muitos casos é obrigado a abandoná-la por não poder pagar as licenças. Por que razão, o reformado (muitos deles, com reformas magríssimas) há-de pagar esta licença? Será preferível o reformado estar sentado no banco do jardim? Ou ir para a tasca passar o tempo?

Evidentemente que quem trabalha acaba por arranjar o dinheiro para tirar a licença, se gosta mesmo de pescar. Aos reformados, penso que é imoral obrigá-los a pagar a licença de pesca. Deviam ficar isentos das mesmas, sendo-lhes passada uma licença, com isenção de pagamento.

Entretanto, ficam por resolver alguns dos principais problemas da falta de peixe nas nossas costas, nomeadamente: a pesca profissional ilegal, a utilização de técnicas destruidoras da flora marítima, a destruição dos juvenis, a utilização de redes de malha

apertada, a disseminação por toda a costa de redes junto às praias, dizimando tudo o que passa, a impunidade com que muitos dos arrastões trabalham, utilizando vários tipos de redes (umas legais e outras ilegais, etc..

Evidentemente que tudo isto passa por equipar a marinha com meios mais eficazes, mais barcos (rápidos), mais meios aéreos. Não fazendo isso, não se resolve o fulcro do problema e, para além disso, o pescador desportivo sente que foi o bode expiatório de um problema maior que cabe ao estado resolver, e não está a resolvê-lo.

Portela, 25 de Abril de 2007

José Vagos Carreira Matias

jmatias@clix.pt
www.josematias.pt